

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### PONTA DE LANÇA E O PAPEL DO ESCRITOR NA CRÍTICA OSWALDIANA

Frederico Henrique Faustino (UEL)  
fredfaustino@hotmail.com

RESUMO: O artigo em questão pretende abordar as ideias críticas de Oswald de Andrade, presentes na coletânea *Ponta de lança* (1945), com o intuito de observar quais os caminhos apontados pelo autor modernista para o desenvolvimento da literatura e as artes de uma forma geral. Nosso objetivo principal será o de demonstrar a importância que o engajamento político dos artistas desempenha na constituição do pensamento crítico oswaldiano. Dessa forma pretendemos contribuir para a compreensão da produção cultural brasileira na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Oswald de Andrade, modernismo, crítica literária, engajamento.

No livro *Texto, crítica, escritura* (1993), Leyla Perrone-Moisés traça uma panorama da crítica em quatro momentos, a saber, a crítica enquanto réplica (imitação), enquanto simulacro, relacionada à ideologia e a crítica enquanto arte, que Barthes denomina de *crítica da escritura*.

A crítica enquanto réplica baseia-se em uma concepção religiosa da obra literária, segundo a qual o crítico deveria submeter-se ao discurso literário por este conter uma verdade transcendental só perceptível ao autor. Portanto, a crítica configura-se como um discurso inferior. Isso muda, de acordo com Perrone-Moisés, a partir do Romantismo, motivada principalmente pelos questionamentos sobre a existência de uma verdade absoluta, que pudesse ser plasmada pelo autor para, só então, ser decifrada pelo crítico. É neste sentido que nos propomos a utilizar as ideias de Roland Barthes e Leyla Perrone-Moisés, visto que ambos abordam o problema de uma perspectiva muito próxima. Barthes, no artigo “O que é a crítica”, aponta alguns conceitos sobre a crítica literária a partir da situação dos críticos franceses na década de 1960. Posteriormente, Leyla Perrone-Moisés reafirma as ideias do autor e sintetiza os caminhos apontados pelo crítico no seguinte:

Optando pela modernidade, restam à crítica duas possibilidades. A primeira é *científica* [...] Teremos então uma metalinguagem cada vez mais formalizada, cada vez menos verbal e discursiva. [...] O outro é o da *escritura*. [...] Esse discurso [...] entrará, em pé de igualdade com o discurso poético, na ‘circularidade infinita da linguagem’. (1993: 29)

O caminho científico é formado pela crítica institucional, que se desenvolve nas universidades. Neste âmbito, a crítica desenvolveu-se aliada à outras correntes do pensamento, tais como o existencialismo, o marxismo, a psicanálise, o estruturalismo e a linguística. De acordo com Barthes, cada uma destas correntes corresponde a um posicionamento ideológico e caberia aos críticos assumi-lo e aceitar o fato de que a leitura que eles fazem de determinada obra não constitui uma verdade absoluta acerca da obra, aceitando assim outras leituras da mesma obra, mas com referenciais teórico-críticos diferentes. Como nos diz Barthes: “A crítica é outra coisa diversa de falar certo em nome de princípios “verdadeiros”. Portanto, o pecado maior, em crítica, não é o da ideologia, mas o silêncio com o qual ela é recoberta: esse silêncio culpado tem um nome: é a boa consciência ou, se se preferir, a má-fé” (Barthes 1970: 159-160).

Para o autor, a crítica caracteriza-se como metalinguagem, ou seja, como um discurso ideologicamente marcado que atua sobre outro, o do autor, também ideologicamente marcado. De acordo com Barthes, a tarefa da crítica seria puramente formal, consistindo “em *ajustar*, como bom marceneiro que aproxima apalpando ‘inteligentemente’ duas peças de móvel complicado, a linguagem que lhe fornece sua época [...] à linguagem, isto é, ao sistema formal de constrangimentos lógicos elaborados pelo próprio autor segundo sua época” (1970: 161).

O segundo caminho indicado por Barthes para crítica constitui-se da crítica realizada pelos próprios escritores, na qual o exercício da crítica aproxima-se do processo da criação poética. Segundo Leyla Perrone-Moisés, é neste momento que a crítica conseguiria se libertar dos entraves ideológicos da crítica universitária. A crítica dos escritores receberia as marcas da experiência artística do seu autor, tornando-se ela também uma obra de arte, assim como afirma Jean-Yvès Tadié: “a crítica dos artistas é uma obra de arte, a reconstituição de um estilo por outro, a metamorfose de uma linguagem em outra” (1992: 11). Além disto, a crítica dos escritores estaria ligada à própria sobrevivência da literatura. Pode-se notar, portanto, a importância desse tipo de crítica na própria dinâmica das transformações literárias, pelo fato de que o escritor-crítico tem uma maior liberdade com relação ao crítico acadêmico e também pelo fato de conhecer, ele próprio, os meandros da criação literária, conforme afirma Leyla Perrone-Moisés: “A crítica dos escritores não visa simplesmente auxiliar e orientar o leitor (finalidade da crítica institucional), mas visa principalmente estabelecer critérios para nortear uma ação: sua própria escrita, presente e imediatamente futura. Neste sentido, é uma crítica que confirma e cria valores” (1998: 11).

É neste sentido que Jean-Yves Tadié afirma que a crítica literária desejaria igualar-se aos textos por ela analisados por meio da produção de alguns excelentes escritores que se entregaram também ao exercício da crítica.

No contexto brasileiro, coube ao Modernismo o papel de despertar de maneira mais significativa o senso crítico de nossos escritores, embora este senso já estivesse presente em grandes nomes da nossa literatura como, por exemplo, José de Alencar e Machado de Assis. Mas por ter assumido para si um posicionamento mais reflexivo a respeito da realidade e das artes brasileiras, o movimento modernista abriu o caminho para que os seus mais significativos representantes pudessem se aventurar na atividade crítica a fim de estabelecer de uma maneira mais precisa os rumos a serem seguidos em suas próprias obras e na literatura brasileira como um todo. É o caso, de Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Sérgio Milliet e de Oswald de Andrade, por exemplo.

Na produção crítica de Oswald de Andrade, em particular, nota-se a presença de questões relacionadas ao fazer literário e também questões mais abrangentes como as que envolvem o nosso processo de formação cultural e econômico. Oswald procura, na coletânea *Ponta de lança*, fazer um balanço das principais contribuições do Modernismo, bem como avalia obras de vários autores nacionais e estrangeiros procurando analisar a maneira como a literatura se relaciona com a sociedade, além de debater questões políticas e culturais que agitavam o mundo e a literatura de sua época.

Com relação às colocações de Barthes e Leyla Perrone-Moisés, podemos dizer que a crítica oswaldiana corrobora as ideias desses estudiosos. Com relação à forma, podemos constatar em *Ponta de lança* alguns aspectos daquilo que Barthes chama de crítica da *escritura*, ou seja, um discurso crítico que se aproxima da linguagem literária. Os textos da coletânea, principalmente os artigos, sofrem uma grande influência da linguagem jornalística, visto que o jornal foi o suporte inicial destes textos, podendo ser, em alguns aspectos, comparados à crônica. Além disso, o autor emprega recursos literários na construção de seus textos, tais como: o uso de diálogos, a fusão dos gêneros literários, o uso de metáforas e diversas figuras de linguagem, principalmente a ironia. Portanto, com relação ao aspecto formal, os textos de *Ponta de lança* apresentam uma liberdade maior que a encontrada em textos da crítica acadêmica, nos quais o autor está preso à regras que orientam a produção do conhecimento dentro do âmbito acadêmico.

O que nos interessa aqui, de maneira mais particular, é o aspecto do engajamento crítico de Oswald de Andrade. Neste sentido, pode-se dizer que cabem muito bem à crítica oswaldiana os epítetos de *investido*, *interessado* e *implicado* com os quais Leyla Perrone-Moisés caracteriza a crítica dos escritores. Isso porque se encontra em *Ponta de lança* as ideias de Oswald de Andrade com relação ao papel social que o escritor e a literatura deveriam exercer. Nosso intuito é o de salientar a importância de Oswald de Andrade, enquanto crítico, no desenvolvimento de um pensamento crítico brasileiro e mostrar de que maneira muitas de suas ideias vão ao encontro de alguns pressupostos da crítica latino-americana, que mais recentemente tem levantado a questão do papel do escritor e da literatura latino-americanos.

Já se tornou ponto pacífico afirmar que uma das maiores contribuições literárias de Oswald de Andrade para a literatura brasileira foi a questão da antropofagia cul-

tural. Como se sabe, este caminho passa pela apropriação de elementos oriundos das culturas que colonizaram o nosso país, retirando das mesmas os elementos que pudessem representar uma modernização da cultura e da sociedade brasileiras ao serem amalgamados aos elementos que formariam o caráter nacional. A questão do ser brasileiro, que perpassa todo o nosso modernismo, está na base do ideário antropofágico de Oswald de Andrade e, além das implicações literárias, gerou ainda um lastro de discussões também no âmbito da crítica literária.

Confrontando o discurso literário latino-americano com o europeu, Silvano Santiago propõe a derrubada de um discurso crítico de tendência positivista, preocupado em encontrar na literatura produzida na América Latina as influências absorvidas das fontes européias. Este posicionamento crítico exerceria uma função reducionista sobre a literatura latino-americana, pois “tal discurso reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre de uma outra sem nunca lhe acrescentar algo de próprio” (Santiago 2000: 18).

O crítico observa claramente a necessidade de se ressaltar o valor das obras produzidas pelos países em subdesenvolvimento e o faz justamente partindo de algumas observações de Oswald de Andrade. De acordo com Santiago, seria impossível tentar compreender a literatura produzida na América Latina como um discurso homogêneo. Ela só terá sentido a partir do momento em que for analisada através do ponto de vista desconstrutor da antropofagia, segundo a qual o discurso literário latino-americano deveria ser compreendido como um discurso heterogêneo, formado pela mistura do discurso local e do estrangeiro.

No que diz respeito ao contexto latino-americano, percebemos que há, em *Ponta de lança*, a necessidade de se pensar a cultura e a literatura latino-americanas partindo das peculiaridades sociais que marcam profundamente as produções culturais destes países. Oswald de Andrade ressalta a necessidade do engajamento político-social dos escritores brasileiros e latino-americanos. Suas afirmações vêm ao encontro do pensamento de alguns críticos latino-americanos.

Na conferência “Literatura e consciência política na América Latina”, Alejo Carpentier condena a falta de engajamento dos nossos escritores ou o falso engajamento dos que, apesar de reconhecerem as dificuldades que assolam a América Latina, nada fazem para mudar isso. Com relação a estes escritores, afirma Carpentier: “Tal intelectual está cheio, no fundo, de boas intenções; mas a sua repugnância ante toda a atividade sistemática, ante toda a afirmação comprometedora, faz com que contemple sem se mexer as piores injustiças ou aceite, com incrível irresponsabilidade, qualquer dádiva ou propina” (s/d: 49).

Da mesma forma, no contexto brasileiro, a atitude de Oswald de Andrade e de outros modernistas denota a preocupação dos mesmos em refletir sobre a realidade brasileira. Conforme afirma Affonso Ávila (1975), o nosso movimento modernista constitui-se como um momento de reflexão a respeito da realidade e da linguagem brasileiras.

Com relação a um trabalho crítico que tivesse como ponto de partida as condições particulares do contexto brasileiro e latino-americano, os textos de *Ponta de Lança* podem ser considerados um primeiro passo nesse sentido, embora como procedimento teórico-metodológico estas ideias só fossem formuladas de maneira mais sistemática a partir da década de 1970.

Cornejo Polar propõe algumas idéias que poderiam orientar os rumos da crítica literária latino-americana. Para o peruano, a crítica literária, de uma forma geral, enfrenta uma crise. No caso de crítica latino-americana, esta crise torna-se dupla, pois além de articular os problemas gerais da crítica a crítica na América Latina precisa adaptar-se ao seu contexto sócio-cultural peculiar. Polar opõe-se ao estruturalismo por acreditar que este tipo de crítica limita a compreensão do objeto literário, pois como nos diz o próprio crítico: “Esquecemos que a literatura é signo e que inevitavelmente remete a categorias que a excedem: ao ser humano, à sociedade, à história; esquecemos, ao mesmo tempo, que a literatura é produção social, parte integrante de uma realidade e uma história nunca neutras” (Polar 2000: 19-20).

O crítico entende que, no contexto europeu, no qual a literatura apresenta-se como resultado de uma cultura mais homogênea, os métodos críticos imanentistas se aplicariam de maneira coerente. No entanto, a literatura na América Latina torna-se um objeto mais complexo, por refletir um processo de formação cultural muito heterogêneo, no qual convergem as contribuições de culturas muito dispares. Neste contexto, seria insuficiente a implantação de um método crítico que não levasse em consideração os aspectos exteriores à criação literária.

Recaímos então no questionamento levantado por Santiago: “qual seria pois o papel do intelectual hoje em face das relações entre duas nações que participam de uma mesma cultura, a ocidental, mas na situação em que uma mantém o poder econômico sobre a outra?” (2000: 17), e que tem sua resposta na antropofagia oswaldiana, na medida em que Santiago propõe que a literatura latino-americana configure-se em uma “leitura-escritura” dos textos oriundos da tradição cultural européia. Nesta releitura entraria em ação o processo antropofágico no qual o leitor-escritor latino-americano, partindo do texto original, recria o seu sentido ao incorporá-lo, utilizando-o no seu discurso de maneira irreverente, parodística e muitas vezes antagônica.

A valorização de uma arte que representasse as condições da sociedade em que foi concebida não é privilégio de Oswald de Andrade. Segundo Tadié, a análise das relações entre a sociedade e a literatura surge no século XIX e vai se desenvolver, sobretudo, a partir das ideias de Marx. Trata-se, portanto, de uma tendência muito em voga nos estudos literários durante a primeira metade do século XX. O próprio Lukacs analisa, em *O romance histórico* (1937), as obras em “busca da ação recíproca entre o desenvolvimento econômico e social e a concepção do mundo e a forma artística que dela resultam” (Tadié 1992: 168). O pensamento de Goldmann também corrobora a tendência crítica defendida por Oswald, pois no seu método de análise “o elemento essencial no estudo da criação literária, reside no fato de a literatura e a filosofia serem, em planos diversos, expressões de uma visão de mundo e de as visões de mundo não serem individuais, mas, sim, sociais” (Tadié 1992: 173). Antonio Candido,

no artigo “Crítica e Sociologia”, avalia o uso dos critérios sociais na interpretação de obras literárias. Embora mais contido, o brasileiro defende a importância destes fatores na interpretação da obra quando estes elementos atuam “na composição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte” (Candido 2000: 6). Podemos afirmar, a partir dessas definições, que esse é o mesmo empenho que anima os comentários críticos de Oswald de Andrade em *Ponta de lança*. O escritor-crítico elege o seu cânone particular valendo-se de critérios ideologicamente marcados pela sua opção política de esquerda.

No que diz respeito à questão do engajamento, Jean Paul Sartre afirma que o escritor está de certo modo envolvido com a sociedade visto que ele utiliza a linguagem como um meio para indicar algo que está além dela. Podemos perceber, portanto, que, para Sartre, “falar é agir”, é exercer uma atividade transformadora sobre o mundo, sobre os outros homens e sobre si mesmo. Desta forma o papel do escritor deve ser o de falar para o seu presente tentando persuadir os homens a partilharem com ele desta mesma ação transformadora, já que, como nos diz Sartre: “O escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (2004: 21).

Para Barthes, o engajamento literário deve ser capaz de questionar a própria maneira como a literatura se impõe na sociedade, ou seja, ele deve exercer uma revisão do próprio saber. Se para Sartre o escritor engajado deveria falar para o seu presente, para Barthes, pelo contrário, o escritor para falar com o seu presente tem que se relacionar com o seu passado, problematizando a maneira como a literatura se apresentava anteriormente. Portanto, o engajamento literário é muito mais indireto para Barthes do que para Sartre, justamente pela sua ligação com a história, como nos explica o próprio crítico:

A História está então diante do escritor como advento de uma opção necessária entre várias morais da linguagem; obriga-o a significar a Literatura segundo possíveis que ele não domina [...] a partir do momento em que o escritor deixa de ser uma testemunha universal para se tornar uma consciência infeliz (por volta de 1850), o seu primeiro gesto foi escolher um compromisso com a sua forma, seja assumindo, seja recusando a escrita do seu passado. (2000: 4-5)

Diante destas palavras, é inevitável que se faça uma aproximação do conceito de engajamento literário que apresentamos até aqui, baseando-nos nas ideias de Sartre e Barthes, com a atividade crítica de Oswald de Andrade e a sua participação no Modernismo brasileiro. Parece-nos que o autor modernista traz bem forte o intuito de valorizar uma literatura politicamente engajada, que estivesse voltada para a reflexão acerca dos problemas que afligiam o mundo na década de 1940. Para tanto, o escritor-crítico rompe, também no âmbito da crítica, com todo e qualquer conceito de literatura que pudesse apresentar o ranço das velhas formas de se compreender

a literatura. Isso se deve ao próprio caráter questionador do movimento modernista e ao seu aspecto de ruptura. De acordo com Affonso Ávila (1975), o modernismo representa, dentro do desenvolvimento do projeto literário brasileiro, um momento de reflexão a respeito da realidade e da linguagem brasileiras.

O texto-chave para a percepção do caminho indicado por Oswald de Andrade é o artigo intitulado “Sobre o romance”. Trata-se de um panorama traçado pelo autor-crítico sobre o desenvolvimento do gênero. Construído em forma de diálogo, o artigo apresenta dois interlocutores que discutem questões relativas ao romance, mais especificamente ao romance moderno. O romance, segundo Oswald de Andrade, é uma representação do mundo sob o ponto de vista de um determinado artista que está, por sua vez, vinculado a um determinado posicionamento ideológico dentro da sociedade. E é justamente nessa questão que reside a problemática do romance moderno: “Meu caro, em matéria de romance nada há que marque o começo de nossa era como um romance russo da última década. É o romance da construção socialista. Há um marco final que é dado pela *Montanha mágica*. Um marco inicial dado pela *Energia*, de Gladkov. E um grande marco antinormativo que é o *Ulisses* de Joyce” (Andrade 2004: 89).

Oswald de Andrade resume, neste trecho, toda a história do romance afirmando que sua forma clássica já não encontraria espaço no mundo de sua época, na qual o humanismo, que nutria aquelas narrativas, estava sendo destruído pelos horrores da guerra. O fim do romance burguês teria sido marcado pelas obras de Mann e Proust, pois, segundo Oswald de Andrade, “Mann é o fim do rápido e fulgurante humanismo alemão [...] Enquanto Proust é a deliquescência a que chegou o laboratório de auto-análise da burguesia...” (2004: 86). Ao *Ulisses*, Oswald de Andrade atribui a função de ruptura com o romance burguês para que se preparasse caminho para a renovação promovida pelo romance proletário. É por meio da experimentação estética que se romperia com os paradigmas do passado, para que o foco do romance deixasse de ser o burguês individualizado e passasse a ser a figura coletiva do proletariado. Portanto, é com grande alegria que Oswald de Andrade aclama a contribuição dos romancistas russos, principalmente Gladkov, na implantação de um romance que refletisse a visão de mundo da classe trabalhadora. Essa síntese elaborada por Oswald de Andrade para o gênero romanesco evidencia que o seu pensamento crítico apresenta na sua base um amálgama dos projetos estético e ideológico que de acordo com João Luiz Lafetá (2000) orientam o desenvolvimento do movimento modernista entre nós. Interessante, por ser análoga aos comentários de Oswald de Andrade a respeito do romance, é a sua posição com relação a Machado de Assis e a Euclides da Cunha. Para ele, a grandeza dos dois escritores consiste no fato de que a obra do primeiro representava a decadência da classe burguesa, enquanto a do segundo representava o surgimento da força da organização popular em nossas letras, conforme podemos notar no seguinte trecho: “O pessimismo de Machado é um pessimismo de classe. Nele, já existe fixado o germe de toda uma sociedade condenada. Em Euclides, surge a esperança do povo, a mística do povo, a anunciação do povo brasileiro” (Andrade 2004: 173).

É esse o elemento que, para Oswald de Andrade, diferenciava a nova orientação da literatura daquela que vinha sendo praticada até então. Ainda nessa conferência, fica evidente o caráter político que o movimento modernista adquire para Oswald de Andrade, pelo fato do crítico ligar o Modernismo de 22 à Inconfidência Mineira. Neste texto, Oswald de Andrade faz um balanço do modernismo ressaltando a importância da Antropofagia, apontando como devedores desta corrente literária alguns dos maiores escritores das gerações que se seguiram à sua, tais como: Drummond, Murilo Mendes, Jorge de Lima, etc, pois a grande colaboração do movimento antropofágico deve-se ao fato de ele despertar os nossos escritores e intelectuais para o nosso primitivismo cultural e para a nossa realidade política.

Segundo Heloisa Toller Gomes (2005), a noção de antropofagia funciona, para Oswald de Andrade, como uma metáfora a partir da qual se poderia compreender o Brasil e o nosso paradoxal processo de formação cultural, ao questionar de maneira bem-humorada e irreverente a continuação de uma arcaica estrutura política, econômica e cultural implantada no Brasil pelos colonizadores. Para a autora, a antropofagia oswaldiana consiste na devoração do nosso legado cultural, neste processo se daria a negação dos padrões culturais pré-estabelecidos para que se pudesse valorizar os elementos que realmente são constitutivos de nossa formação cultural. Dessa forma, a antropofagia evidenciaria os paradoxos de nossa formação sócio-cultural. É sob este aspecto que a antropofagia se faz presente nas páginas críticas de *Ponta de Lança*, como nos diz o próprio Haroldo de Campos:

Creio que, no Brasil, com a “Antropofagia” de Oswald de Andrade, nos anos 20[...], tivemos um sentido agudo dessa necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma “transvaloração”: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. (2004: 234-5)

É nesse sentido que se compreende as críticas feitas por Oswald de Andrade a Cassiano Ricardo, em “Bilhete aberto”, no qual o crítico acusa o nativismo da poesia de Cassiano Ricardo de não ser autêntico, de não revelar as genuínas riquezas da nossa cultura: “As suas canções nativas são como esses bonecos de cerâmica que representam Pai João e Peri, Anhangüera e d. Pedro II, mas que vêm da Alemanha, produzidos em série” (Andrade 2004: 63).

Oswald defende, nos artigos e conferências de *Ponta de Lança*, a implantação de uma arte capaz de representar o povo, as mazelas do cotidiano dos trabalhadores e capaz de desnudar os mecanismos de estruturação da sociedade capitalista, para que o povo se conscientizasse das necessidades de mudança. Isso fica evidente em seus comentários, a respeito do teatro e sua função social, feitos nos artigos “Do teatro que é bom...” e “Diante de Gil Vicente”. Em ambos, Oswald de Andrade resalta o caráter coletivista do teatro e sua função pedagógica, que está presente desde sua origem, mas sobretudo no teatro medieval. Por isso, em “Diante de Gil Vicente”, aponta

a atualidade do dramaturgo português na “maravilhosa virilidade satírica e mística do *Auto da barca!*” (Andrade 2004: 128).

Já em “Do teatro que é bom...”, o autor se detém, de maneira mais aprofundada, na defesa do que ele chama de “teatro de estádio”. Um teatro que, recuperando algumas das características dos autos medievais, retomasse “o seu sentido inicial que era o de espetáculo popular e educativo” (Andrade 2004: 154).

A leitura do artigo “Destino da Técnica”, talvez, nos ajude a entender melhor as ideias de Oswald de Andrade com relação ao teatro de estádio. Neste texto, Oswald de Andrade analisa as transformações da intelectualidade geradas pelo processo de industrialização e desenvolvimento surgido a partir da ascensão do capitalismo. De acordo com a sua tese utópica, o domínio da técnica poderia levar os homens a se libertarem “das mãos aduncas e toscas do proprietário de valores” (2004: 73). Portanto, segundo o escritor, seria necessário conscientizar essa nova classe que se formava no interior das sociedades capitalistas, os técnicos, visto que é ela que tem o domínio sobre os meios de produção, para que, juntamente com o proletariado, ela pudesse instaurar as mudanças sociais, tão caras ao marxismo, conscientizada que estaria pela arte de uma “era ciclópica” (Andrade 2004: 72), isto é, capaz de chegar a todos com sua mensagem politicamente engajada. É claro que se podem fazer objeções tanto ao comprometimento de Oswald de Andrade com as idéias marxistas como ao caráter utópico de suas aplicações. Mas nos parece que dentro de seu projeto crítico e literário esse caráter utópico assume uma coerência que o torna relevante.

Em relação às artes plásticas, Oswald de Andrade faz, em “A evolução do retrato”, um panorama das transformações desta representação artística. Oswald de Andrade sintetiza de maneira espetacular toda a sua concepção da história da arte, bem como seus ideais quanto aos rumos que ela deveria tomar, na história do *Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Da mesma maneira que a figura do jovem Dorian foi se degenerando ao longo do romance de Wilde, até ser destruída pelo modelo, o retrato do individualismo burguês vai se exacerbar até culminar nas degenerações estéticas das vanguardas, que abririam caminho para uma pintura de cunho social.

A defesa desse tipo de pintura também é feita na conferência “Aspectos da pintura em Marco Zero”, pronunciada em 1944, na qual o autor discute os caminhos da pintura de sua época através das posições antagônicas de dois dos personagens do romance *Chão*, o arquiteto Jack de São Cristóvão, defensor do “modernismo sem compromisso, o modernismo estético, polêmico e negativista” (Andrade 2004: 177), e o pintor Carlos de Jaert, que “vê razão para o modernismo, na pintura social que ele produziu” (Andrade 2004: 177). Oswald de Andrade conclui defendendo a pintura que nas suas duas vertentes, tanto no experimentalismo estético quanto na pintura social, buscam a liberdade de expressão. Afirma que as vanguardas foram importantes, pois sem as audácias da pintura de vanguarda não seria possível, sob a rigidez do academicismo, o surgimento de um enfoque que privilegiasse o debate em torno dos problemas sociais que agitavam o mundo naquele momento.

Constata-se, desta forma, que a produção crítica de Oswald de Andrade tem como fulcro o posicionamento ideológico do autor, a partir do qual ele tenta refletir sobre os caminhos que deveria seguir a literatura, no Brasil e no mundo. As concepções formuladas por Oswald de Andrade, em *Ponta de lança*, sobre a literatura e papel do engajamento social dos escritores, além de orientar as criações estéticas do próprio autor, são um bom ponto de partida para o pesquisador interessado em compreender a produção cultural da primeira metade do século passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. *Ponta de Lança*. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2004.
- ÁVILA, Affonso. “Do Barroco ao Modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro”. *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- . *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CAMPOS, Haroldo de. “Da Razão Antropofágica: Diálogo e Diferença na Cultura Brasileira”. *Metalinguagem & Outras metas: Ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 231-256
- CANDIDO, Antonio. “Crítica e Sociologia”. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. p. 05 – 16
- CARPENTIER, Alejo. “Literatura e consciência política na América Latina”. *Literatura e consciência política na América Latina*. Manuel J. Palmerim. São Paulo: Ed. Global, s/d.
- GOMES, Heloisa Toller. “Antropofagia”. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2000.
- LIMA, Luiz Costa, org. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1983, 2 vols.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- . *Texto, crítica, escritura*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993
- POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas*. Mario J. Valdés (org.), Ilka Valle Carvalho (trad.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- SANTIAGO, Silvano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SARTRE, Jean Paul. *O que é a literatura?* 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

TADIÉ, Jean Yvés. *A crítica literária no século XX*. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

PONTA DE LANÇA AND THE WRITER'S ROLE IN THE OSWALDIAN CRITICISM.

ABSTRACT: The present article discusses Oswald de Andrade's critical ideas included in his omnibus *Ponta de lança* (1945). I intend to identify the ways pointed out by the author for the development of literature and arts as a whole. The main goal is to demonstrate the importance that the artists' political engagement plays on the Oswaldian critical thought. Thus I expect to contribute to the understanding of the Brazilian cultural production during the first half of the 20<sup>th</sup> century.

KEYWORDS: Oswald de Andrade, modernism, literary criticism, engagement.

Recebido em 15 de julho de 2009; aprovado em 30 de outubro de 2009.